

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FIM DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS À NOVA AUTORIZAÇÃO

Luiz
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

O PROCESSO

FRANZ KAFKA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DA TERRA
1979



CENÁRIO - O PALCO ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS NÍVEIS, DEGRAUS:

PALCO DA FRENTE: À DIREITA UMA CAMA, MESA COM APARATOS PARA SE LAVAR; ALGUMAS CADEIRAS. A ESQUERDA UMA ESCRIVANINHA COM UMA POLTRONA. O ESPAÇO DA FRENTE NÃO É MUITO ALTO.

PALCO DO MEIO: A ESQUERDA, ALGUNS DEGRAUS MAIS LARGOS CONDUZEM PARA CIMA; A DIREITA, ALGUNS DEGRAUS MAIS ESTREITOS. NESSE ESPAÇO DEVEM SER POSSÍVEIS MODIFICAÇÕES RÁPIDAS DE CENA. ESTAS SÃO FEITAS ATRAVÉS DE MODIFICAÇÕES E MUDANÇAS DOS ELEMENTOS DO CENÁRIO. SÃO NECESSÁRIAS PEÇAS EM FORMA DE CUBO.

PALCO DE TRÁS: NESSE ESPAÇO DEVE SER POSSÍVEL UMA AMPLIAÇÃO DA ENCENAÇÃO, NAS CENAS DE MASSA E PARA A REPRESENTAÇÃO DE ESPAÇOS MAIS AMPLOS.

DO PALCO DO MEIO ATÉ O PALCO DE TRÁS, OS OBJETOS DEVEM SER FACILMENTE MODIFICÁVEIS EM GALERIAS E PRATICÁVEIS. O PALCO DA FRENTE É DELIMITADO POR UM ARMÁRIO LARGO E BAIXO, CUJA PROFUNDIDADE ESTÁ NO PALCO CENTRAL. ESSE ARMÁRIO PERMITE, QUANDO ABERTO, NUMEROSAS MODIFICAÇÕES EM SEU ESPAÇO INTERIOR. A DISPOSIÇÃO DO PALCO DA FRENTE PERMANECE A MESMA DURANTE TODAS AS CENAS, CAS NÃO HAJA UMA OBSERVAÇÃO CONTRÁRIA, O PALCO DE TRÁS PERMANECE NO ESCURO.

CENA 1 - Na Pensão

PALCO DA FRENTE: À DIREITA, K ESTÁ DEITADO NA CAMA. ESTÁ DORMINDO; ENTRE O ARMÁRIO E A ESCADA? À ESQUERDA, ESTÁ FRANZ, DE PÉ, É UM DOS COMISSÁRIOS DO TRIBUNAL. ELE É MAGRO, JUVENIL. VESTE UMA ROUPA ESPORTE BEM JUSTA, PRETA, COM NUMEROSOS BOLSOS, PIVELAS, BOTÕES E UM CINTO. E AINDA POLAINAS. ESTÁ DE BRAÇOS CRUZADOS.

PALCO DO MEIO: A ESQUERDA, NOS DEGRAUS, ESTÁ WILLEM, O SEGUNDO COMISSÁRIO. É MAIS VELHO E MAIS ENCORPADO DO QUE FRANZ. VESTE UM TERNO PRETO, MAS DE CORTE SIMPLES, BRILHANTE, APERTADO DEMAIS, COM MANGAS MUITO CURTAS, POR BAIXO UMA CAMISA DE TRABALHO. A MESA GRANDE À ESQUERDA ESTÁ POSTA À PARA O CAFÉ DA MANHÃ. PERTO DELA, À DIREITA, ENCONTRA-SE O CAPITÃO, QUE MORA NA PENSÃO. ESTÁ FAZENDO SUA GINÁSTICA MATINAL: FLEXÃO DE JOELHOS, DISTENSÃO DOS BRAÇOS, ETC.. SÓ ELE SE MOVIMENTA, OS OUTROS ESTÃO IMÓVEIS, À ESPERA.



(K ACORDA ASSUSTADO)

- K - O Que é que há? (SEMI-LEVANTADO DÁ UMA OLHADA PELO QUARTO. FRANZ DESCRUZA OS BRAÇOS VAGAROSAMENTE, VOLTA-SE PARA K.)
- K - Senhora Grubach! (FRANZ DÁ UM PASSO EM DIREÇÃO A K) Quem é o senhor?
- FRANZ - O senhor chamou.
- K - A Senhora Grubach deveria me trazer o café da manhã
- FRANZ - (VOLTANDO-SE PARA WILLEM) Ele quer que a Senhora Grubach lhe traga o café da manhã.
(WILLEM EXPLODE NUMA GARGALHADA E FRANZ O ACOMPANHA)
(K ATIRA A COBERTA PARA A FRENTE, SALTA DA CAMA, VESTIDO DE CAMISOLÃO, VAI ATÉ A CADEIRA ONDE ESTÃO SUAS ROUPAS, COLOCA RAPIDAMENTE AS CALÇAS).
- FRANZ - O senhor não prefere ficar aqui?
- K - (GRITANDO PARA A SENHORA GRUBACH) Sra. Grubach: Por que a sra. não me acordou?
(FRANZ SE COLOCA NO CAMINHO DE K. K FAZ UM MOVIMENTO COMO SE QUISESSE SE LIVRAR DE FRANZ, APESAR DE FRANZ NÃO O ESTAR SEGURANDO. WILLEM DESCE OS DEGRAUS E VAI EM DIREÇÃO A K)
- WILLEM - O senhor não pode sair. O senhor está preso.
- K - (OLHANDO DE UM PARA OUTRO GUARDA) Preso?? E por quê?
- WILLEM - Nós não estamos autorizados a lhe responder.
- K - Mas do que é que se trata?
- FRANZ - O seu processo já começou. O senhor será informado no seu devido tempo.
(O CAPITÃO TERMINA DE FAZER SUA GINÁSTICA E VAI ATÉ A MESA DO CAFÉ. OS TRÊS AJUDANTES DIRIGEM-SE TAMBÉM ATÉ ELA. KULICH E KAMINER SENTAM-SE, AMARRAM OS GUARDANAPOS NOS PERCOÇOS. RABENSTEINER LEVA UM PRATO COM UM PEDAÇO DE Bolo E UMA XICARA DE CAFÉ PARA WILLEM, QUE ESTÁ QUASE GRUDADO A K. K DÁ UM RISOFORÇADO E SEU ROSTO ENDURECE)
- K - Agora estou entendendo. É tudo uma brincadeira. Os colegas do banco é que imaginaram isso tudo. (RI MAIS FORTE, QUER FAZER OS DOIS GUARDAS RIREM TAMBÉM). Boa piada para um aniversário! Sim! Hoje eu faço 30 anos.



WILLEM - (MERGULHA O BOLO NA XICARA DE CAFÉ) - O senhor não quer aceitar a sua situação?

FRANZ - Esta camisa é fina demais. (ELE LHE DÁ UMA OUTRA CAMISA) . (K FICA COM A CAMISA NA MÃO.) Esta nós vamos guardar. Assim como todo o resto das suas coisas. Caso tudo corra bem para o senhor devolve - remos tudo.

K - Do que o senhor está falando? Que autoridade os srs. representam?

WILLEM - O senhor saberá de tudo em seu devido tempo. Dê-se por feliz por estarmos sendo tão amáveis com o sr. Isso é contra todas as normas.

K - (K VAI ATÉ A ESCRIVANINHA, PEGA ALGUNS DOCUMENTOS DA GAVETA. FRANZ VAI ATRÁZ DELE). Aqui estão os meus documentos. Mostrem-me os do senhores. E, antes de mais nada a ordem de pris_aão?

KAMI -

NER RI TANTO QUE ENCASCA.O CAPITÃO SENTA-SE A ME - SA NESSE MEIO TEMPO E ABRE UM JORNAL.)

FRANZ - Você ouviu Willem? Ele exige a ordem de prisão. Mostre a ele. (AGORA NUM TOM QUASE MELANCÓLICO). É assim que o senhor quer se livrar do seu maldito processo? Nós somos funcionários subalternos, mal entendemos de documentos, ordem de prisão... Representamos autoridade superiores, que antes de ordenar detenções, estudam minuciosamente a conduta do suspeito e os motivos de sua prisão. Não pode haver nenhum erro. Essa é a lei.

K - Eu não conheço essa lei.

FRANZ - Se o senhor não conhece a lei, como pode saber que não é culpado?

WILLEM - Eu aconselharia o senhor a permanecer calmo esperar o que lhe for ordenado. Maiores exigências estão por vir.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(FRANZ EMPURRA K PARA O MEIO, BEM Á FRENTE. TIRA A CAMISA DA MÃO DE K. FRANZ FLEXIONA UM JOELHO. WILLEM SE APROXIMA RAPIDAMENTE E AJUDA FRANZ A COLOCAR K DE COSTAS, SOBRE O JOELHO DE FRANZ. WILLEM PÕE A MÃO ESPALMADA NO PEITO DE K, APALPA-LHE AS COSTELAS, DÁ PANCADINHAS COM O DEDO MEDIO BEM ACIMA DO CORAÇÃO DE K. ESSES MOVIMENTOS APARECENTAM UM RITUAL. DEPOIS, LEVANTAM DEPRESSA, VESTEM LHE A CAMISA, PÕE-LHE COLARINHO E GRAVATA. NESSE MEIO TEMPO, OS TRES AJUDANTES DE LEVANTARAM. LEVEMENTE INCLINADO PARA A FRENTE? FIXAM O OLHAR NA CENA. WILLEM LEVA K ATE O ARMARIO. FRANZ PEGA UM COLETE E UMA JAQUETA DO ARMARIO.)

- K - Ora, afinal eu estou sendo acusado mas não sei onde estaria a culpa. Quem está me acusando? Quem está conduzindo o processo? E serão os senhores, verdadeiramente, oficiais de Justiça? Nenhum dos senhores usa uniforme...
- WILLEM - O senhor está caíndo num grande erro. Nós somos nesses seu assunto, figuras completamente secundarias. Eu também não posso dizer ao senhor, que o senhor esteja sendo acusado. Ou melhor, eu nem sei se o senhor está sendo acusado,
- K - Quer dizer que não posso mesmo saber nada sobre o motivo da minha prisão?
- WILLEM - O senhor pergunta demais e assim compromete a boa impressão que poderia causar. O importante, sobretudo, é o seu comportamento senhor K. Mas por hoje chega. Com certeza, o senhor deseja ir ao banco.
- K - (OBSTINADO) Como posso ir ao banco? se estou preso?
- WILLEM - O senhor me entendeu mal. O senhor está preso. Certo. Mas, isso não vai impedi-lo de exercer a sua profissão. Nada deve mudar no seu dia a dia. Pelo me os provisoriamente.
- FRANZ - E para que seu strazo não seja percebido, aqui estão os seus tres colegas.
- HABENSTEINER - Olá senhor K!
- KULICH - Nós estamos aqui para apoiar-lo senhor K
- KAMINER - Nós queríamos deixá-lo contente senhor K



(A OUBA SURPREENDIDO PARA OS TRES AJUDANTES. ESTES BALANÇAM A CABEÇA E RIEM, FAZENDO-SE RECONHECER)
KAMINER - E pensar que nos encontramos diariamente, quando lhe entregue a correspondência.

CENA 2 - No Banco

(MOVIMENTOS DE DEMONSTRAÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO BANCO. OS FUNCIONÁRIOS DO BANCO CORRENDO PARA LÁ E PARA CÁ, COM MAÇOS DE PAPEIS, PILHAS DE ARQUIVOS, PARTICIPAM DA MUDANÇA DOS ELEMENTOS DE CENA. PALCO DO MEIO: À ESQUERDA HÁ UMA SÉRIE DE CADEIRAS PARA OS CLIENTES SE SENTAREM. A MESA GRANDE ESTÁ COBERTA DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS. O ARMÁRIO, À DIREITA, É TRANSFORMADO EM UM COFRE. CONTA-SE DINHEIRO EM PRANCHETAS. À DIREITA, UM GRUPO DE HOMENS ESTÁ INCLINADO SOBRE LIVROS DE ESCRITURAÇÃO BANCÁRIA. RUÍDOS DE MÁQUINAS DE ESCREVER E DE SOMAR. PALCO DE TRÁS: UMA SÉRIE DE GUICHES E ATRÁS DELES CLIENTES QUE DE VEZ EM QUANDO COLOCAM A CARA NOS ESPAÇOS ABERTOS DOS GUICHES. TODOS OS MOVIMENTOS SÃO ORDENADOS. K EM FRENTE, EM DIREÇÃO A ESCRIVANINHA, TIRA O CHAPÉU. KULICH PEGA O CHAPÉU, DEPENDEURA-O NUM GANCHO À ESQUERDA DO ARMÁRIO DO MEIO. KAMINER COLOCA ALGUMAS CARTAS SOBRE A ESCRIVANINHA, TIRA AS FOLHAS DOS ENVELOPES E AS ESTENDE SOBRE A ESCRIVANINHA. KULICH ARRUMA CARIMBOS E OUTROS OBJETOS DO GENERO. KAMINER COLOCA UMA COBERTA DE COURO, PRETA, SOBRE A CAMA, À DIREITA. KULICH E KAMINER SE AFASTAM. RABENSTEINER APARECE NOVAMENTE E DEPOIS DELE KAMINER E KULICH REAPARECEM NA BOCA DE CENA)

KAMINER - O Diretor perguntou pelo senhor.
KULICH - Mas nós dissemos que o senhor estava aqui desde cedo.
RABENS - Esperamos que o senhor esteja satisfeito.

(ENTRA O DIRETOR)

Diretor - Quem acorda tarde uma vez, pode perder o seu lugar no mundo! Cinco anos na firma e nunca chegou tão atrasado. Se eu não fosse a própria pontualidade em pessoa, o chefe de seção não seria ideal. (SORRI) Mas em consideração a data de hoje, e em consideração ao seu aniversário, sr. K, vamos esquecer

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- K - (EMBARAÇADO) Mas, eu ...
- DIRETOR - O senhor não me parece muito disposto hoje, senhor K. Está doente ?
- K - Não, não ; Não é nada.
- DIRETOR - Fale, tenha confiança em mim.
- K - Hoje de manhã... (O TELEFONE TOCA , K ATENDEU . BALANÇA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE VÁRIA VEZES)
- DIRETOR - Más notícias?
- K - Não, nada de grave. O senhor desculpe eu estava meio preocupado. Nada de grave... De verdade.
- DIRETOR - (EM TOM PATERNAL) Senhor K, está na hora do senhor construir um lar, uma família, algo em que possa se apoiar. O senhor viver muito só. Isso dificulta a sua carreira. E eu espero grandes coisas do senhor.
- K - Sim, senhor diretor.
- DIRETOR - Bem, de qualquer forma, feliz aniversário! (ENTRAM KAMINER, KULICH E RABENSTEINER)
- KAMINER - O senhor recebeu o endereço?
- RABENSTEINER - Já tem o número da casa?
- K - O que?
- KULICH - Nós sabemos onde o senhor tem que ir amanhã para a primeira investigação sobre o seu caso.
- RABENSTEINER - É uma deferência especial marcar o processo para domingo.
- KAMINER - Poderia ser também a noite, mas então o senhor já estaria cansado.
- KULICH - Não esqueça. O primeiro é domingo às nove horas, na rua Julius. É bem longe.
- OS TRES - Perto da estação rodoviária.



CENA. 3 - Sra. GRUBACH

- K - Ainda trabalhando sra. Grubach ?
- GRUBACH - E preciso, sr. K, Durante o dia atendo meus clientes, a noite é que me sobre algum tempo. Agora mesmo estou costurando a saia de uma sobrinha.
- K - Sra. Grubach, eu vim pedir desculpas pelo acontecido hoje de manhã.
- GRUBACH - De que? Ah! O senhor fala desses homens que apareceram aqui hoje de manhã, sr. K? Eu já pus tudo em ordem.
- K - A sra. sabe que eu não tive nada com isso.
- GRUBACH - O senhor não deve se afligir tanto.
- K - Eu nem sabia que estava me afligindo...
- GRUBACH - No início eu estava meio preocupada com o senhor, pois me parece que não é assim, sem motivos, que se prende uma pessoa. Mas, depois... bem... já que estamos falando francamente, sr. K, eu posso confessar que escutei um pouquinho atrás da porta. E, além disso, os dois guardas me fizeram as suas confidenciazinhas.
- K - O que foi que lhe disseram, sra. Grubach?
- GRUBACH - Eles me disseram que o senhor está preso, mas não como um ladrão fica preso. Essa prisão, pelo que me parece, é alguma coisa de gente estudada, que eu não entendo, mas que também não se precisa entender.
- K - Fico satisfeitos de saber a sua opinião e verificar que estamos perfeitamente de acordo, sra. Grubach. E já que não me quer mal, vamos apertar as mãos.
- GRUBACH - O senhor compreende, tudo que eu peço, é que me deixem ter a casa em ordem. Essas coisas não podem prejudicar a minha reputação.



K - O capitão está em casa?

GRUBACH - Ele ficou tão decepcionado quando o senhor não fez os exercícios com ele hoje cedo.

K - A srta. Burstner está em casa ?

GRUBACH - O senhor não váá levar a mal isso que eu lhe disse?

K - Eu já compreendi sra. Grubach, isso não vai tornar a acontecer. Mas, a srta. Burstner...

GRUBACH - Não sei se já voltou do teatro. Normalmente ela chega tarde. Porque o senhor não experimenta bater a sua porta?

K - Obrigado, sra. Grubach.
(K CAMINHA EM DIREÇÃO AO QUARTO DA SRTA BURSTNER, QUANDO VE UM ROSTO VIGIANDO-O)

K - Saiam daqui.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA IV: SRTA. BURSTNER

K CHAMA SRTA. BURSTNER. NA PENUMBRA, ALGUMA COISA SE MOVIMENTA. DURANTE TODA A CENA, PERCEBE-SE QUE HÁ MAIS ALGUÉM NO QUARTO, VIGIANDO K.

K - Srta. Burstner ...

BURSTNER - Sim ?

K - Eu queria trocar algumas palavras com a Srta.

BURSTNER - Mas precisa ser agora?

K - Sim.

BURSTNER - Neste caso, entre.

K - Hoje de manhã, por minha culpa, seu quarto também foi revistado.

BURSTNER - O meu quarto?

K - Sim. Heuve uma investigação aqui.

BURSTNER - Por sua causa?

K - Sim.

BURSTNER - Não ?

K - Sim. E até me interrogaram.

BURSTNER - Não.

K - Não??? A Srta. então acredita que eu sou inocente?
(AO DIZER ISSO, K APROXIMA-SE DA SRTA. BURSTNER)

BURSTNER - Bem, isso eu não sei. O sr. deve ter feito algo sério para que mandassem uma comissão de investigação. De que se trata?



K - Esse é o problema. Nem eu mesmo sei.

BURSTNER - Ora, então não compreendo por que o sr. veio me ver a esta hora da noite.

K - Mas a srta. não acha que seu inscente?
(AGARRANDO-A SÓFREGAMENTE)

BURSTNER : (BURSTNER GRITA) Saia, saia, o que o sr. está querendo?

(O CAPITÃO, QUE ESTIVERA TODO O TEMPO OBSERVANDO A CENA, SALTA SOBRE K. ATIRA-O NO CHÃO. K NÃO SE DEFENDE. O CAPITÃO MONTA EM CIMA DELE E DÁ-LHE ALGUNS GOLPES.)

CAPITÃO - O sr. escapou da ginástica matinal, mas dos exercícios noturnos o sr. não escapa.

CENA V : NO TRIBUNAL

(ENQUANTO O PALCO DA FRENTE PERMANECE COMO ESTÁ, TODO O RESTO SE TRANSFORMA EM DIVISÕES COMO CAIXAS, ATRAVÉS DE UMA RÁPIDA MOVIMENTAÇÃO DE ENTRADAS E SAIDAS, DE MUDANÇAS DOS ELEMENTOS DE CENA.

PALCO CENTRAL: GRUPOS DE PESSOAS EM DIFERENTES NÍVEIS, AO REDOR DE MESAS, CAIXAS, CAMAS.

PALCO DE TRÁS: TAMBÉM AQUI HÁ SEMELHANTES ESPAÇOS, MES ESTRADOS? SEMELHANTES A GALÉRIAS, ONDE SE COLOCAM ESCADAS. HOMENS SOBEM



NELAS. **NÃO SÃO VISTOS** ATRÁS DAS CONSTRUÇÕES. SIMULTANEAMENTE, AO ABRANJO DO CENÁRIO, COMEÇA UM RUÍDO DE VOZES, GRITOS, ASSOBIOS, CANTOS E OS GOLPES DA CONSTRUÇÃO, GOLPES DE MARTELO. HÁ TAMBÉM MÚSICA, QUE NÃO SE DISTINGUE MUITO BEM, SE VEM DE GAITA OU DE FLAUTA. O TUMULTO É FREB, DIGO, FEBRIL. É PRIMEIRO TRANQUILO, PREGUIÇOSO, INDIFERENTE, NEGLIGENTE. K SEGURA UM JOVEM, EM ROUPA DE TRABALHO, PELO BRAÇO.)

K : É por aqui que são realizadas processos?
 TRABALHADOR : Processos?
 K : Sim, processos.
 TRABALHADOR : Eu não sei de nada.

(O TRABALHADOR SE AFASTA. UMA MULHER COM UMA TROXA DE ROUPA DE CAMA, PASSA POR K. K PÔE-SE DE LADO E OLHA AO REDOR, PROCURANDO. DIRIGE-SE ENTÃO A UMA OUTRA MULHER QUE CARREGA UM BALDE CHEIO DE ROUPAS.)

K : É aqui que são realizados processos?

(A MULHER COLOCA O BALDE NO CHÃO, ENXUGA A TESTA COM O BRAÇO ÚMIDO.)

MULHER : Sim. (ELA APONTA PARA TRÁS) - Mas já está lotado.
 K : Mas esperam por mim.
 MULHER : Então venha. Siga-me. Depois do senhor precisa fechar. Ninguém mais pode entrar.

(ENTRA O "CORPO" DO TRIBUNAL - UM PANO PRETO COM ALGUNS BURACOS DE ONDE SAEM AS CABEÇAS DE



VÁRIO MEMBROS DO TRIBUNAL - E COLOCA-SE NO MEIO DO PÚBLICO. POSSUEM BARRAS BRANCAS, MAS A SUA APARÊNCIA PATRIARCAL TEM ALGO DE RÍGIDO, ARTIFICIAL, ESFORÇAM-SE PARA ASSUMIR TAL APARÊNCIA. É TUDO FORÇADO. O SUSSURAR E O BURBURINHO DAS VOZES PARAM. DA DIREITA APROXIMAM-SE ALGUNS HOMENS COM ROUPAS SEVERAS E PRETAS. ELES SE REÚNEM EM VOLTA DA ESCRIVANINHA, ESPALHANDO CADERNOS BASTANTE MANUSEADOS COM AS FOLHAS SOLTAS E LIVROS SEBENTOS. O JUIZ QUE PRESIDE AS INVESTIGAÇÕES É PEQUENO E SENTA-SE NA POLTRONA DA ESCRIVANINHA, BUFANDO. O ESPALDAR DA POLTRONA ESTÁ VOLTADO CONTRA A ESCRIVANINHA. ELE CORRE O OLHAR PELAS PESSOAS E BATE, COM A MÃO / ESPALMADA, SOBRE A ESCRIVANINHA. SILÊNCIO. O JUIZ TIRA UM RELÓGIO DO BOLSO DO COLETE. OLHA PARA K.)

JUIZ : O senhor deveria ter chegado há uma hora e cinco minutos atrás.

(RESMUNGAR E MURMURAR BREVE DOS PRESENTES.)

K : Mesmo que eu esteja atrasado, agora estou aqui.

(DA DIREITA, DE CIMA E DETRÁS APLAUSOS BREVES DOS PRESENTES.)

JUIZ - Sim, mas agora não tenho mais obrigação de interrogá-lo.

(DA ESQUERDA OUVEM-SE PROTESTOS)

JUIZ : APESAR DISSO, vou fazer uma exceção. Aproxime-se.

(O JUIZ FOLHEIA UM DOS CADERNOS. ALGUMAS FOLHAS ESTÃO AMARROTADAS E BORRADAS E DESPRENDEM-SE.)

JUIZ : Bem, então o senhor é o pintor de parede.

K : Não. Sou chefe de seção de um grande banco.



(OS PRESENTES, À DIREITA DE K, COMEÇAM A RIR TÃO CORDIALMENTE QUE K RI COM ELLES. RIEM TANTO QUE SE SACODEM COMO SE ESTIVESSEM TENDO ATAQUE DE / TOSSE. DAS GALERIAS MAIS ALTAS, À DIREITA, OUVEM-SE GARGALHADAS ISOLADAS. A AUDIÊNCIA DO LADO ESQUERDO, PORÉM, NÃO SE MANIFESTA.)

K : A sua pergunta, senhor Juiz, se seu pinter de paredes, é bastante característica para o tipo de processo que se efetua contra mim. O senhor pedirá objetar que não se trata absolutamente de processo. Mas eu o denomino assim no momento, digamos, por compaixão.

(OLHA EM REDOR COMO SE ESPERASSE NOVOS APLAUSOS. MAS AGORA DOMINA UM SILÊNCIO TENSO. NESSE SILÊNCIO, A LAVADEIRA SURGE ENTRE ELE E OS JUÍZES. COLOCA O BALDE NO CHÃO, TIRA AS ROUPAS DE DENTRO, SACODE-AS E AS COLOCA NO BRAÇO NU. TODOS OS OLHARES ESTÃO VOLTADOS PARA ELA. O JUIZ SE LEVANTA UM POUCO DA POLTRONA E SEGUE CADA UM DOS SEUS MOVIMENTOS. ELA PEGA, ENTÃO, O BALDE E SOBE OS DEGRAUS À / ESQUERDA DESAPARECENDO;
AGORA TODOS SE VOLTAM DE NOVO PARA K. O JUIZ SE ESTICA NA POLTRONA. ESTÁ QUASE DEITADO. SUAS PERNAS BALANÇAM NO AR.)

K : Não adianta. O seu caderninho também confirma o que eu disse.

(K SE APROXIMA DO JUIZ, TOMA-LHE O CADERNO, SEGUURA-O NO ALTO COM AS PONTAS DOS DEDOS POR UMA FOLHA DO MEIO; AS FOLHAS COM ESCRITAS BORRADAS CAEM.)

K : Eis os arquivos do Juiz. Continue a ler, senhor Juiz. Eu não temo esse livre de culpas!

(OS OUVINTES SEGUEM K COM GRANDE ATENÇÃO.)

K : O que me aconteceu é apenas um caso individual e como tal, não muito importante. Não me deixo atingir. Mas é exemplo de um processo feito contra



: muitos. Por **esses motivos** estou aqui. Não por mim.

(DAS FILEIRAS DE TRÁS À DIREITA, APLAUSOS ISOLADOS COM MÃOS ERGUIDAS, ALGUNS GRITOS;)

1a. VOZ : Por que não?

2a. VOZ : Bravo!

3a. VOZ : E outra vez bravo !

K : Não quero ter sucesso como orador. Quero apenas - comentar publicamente um estado de coisas que não deveriam acontecer.

Eu fui preso há dez dias atrás. Rio-me do fato em si, mas isso não vem ao caso, neste momento. Assaltaram-me em meu quarto, carregaram algumas coisas de minha propriedade e ainda por cima tomaram meu café.

(DA ESQUERDA ALGUNS GRITOS DE INDIGNAÇÃO: OH! NOSSA! QUE HORROR ! - ELES ASSOBIAM.)

K : E esses senhores, não só abusaram da boa fé da dona da pensão, como também leveram três funcionários - de meu banco. Por que? Para prejudicar o meu prestígio. Para abalar a minha posição.

(O JUIZ ASCENA A CABEÇA BREVE E DISSIMULADAMENTE OLHANDO PARA O LADO DA ESQUERDA DA AUDIÊNCIA.)

K : Agora o senhor Juiz fez a um dos senhores um sinal. Vocês todos são então dirigidos por ele. Vamos, obedecem. Assobiem! Aplaudam! Isso pouco me importa. Eu autorizo o senhor Juiz a ordenar alto à sua platéia paga: agora assobiem! Ou, agora aplaudam - em vez de fazê-lo com sinais secretos.

(O JUIZ SE DIRIGE IMPACIENTEMENTE ÀS PESSOAS QUE ESTÃO PRÓXIMAS, COCHICHAM. K SE APROXIMA DA MESA, BATE VIOLENTAMENTE COM O PUNHO NA ESCRIVANINHA. OS HOMENS PRÓXIMOS À ESCRIVANINHA APENAS OUVEM. DIRIGEM-SE OUTRA VEZ ATENTOS A K.)



(DA PARTE DE TRÁS OUVEM-SE ZUMBIDOS BAIXOS. NÃO É POSSIVEL DISTINGUIR SE SÃO DE VOZES.

DA ESQUERDA, DO PALCO DO MEIO, OUVEM-SE O GRITO AGUDO DE UMA VOZ MASCULINA. ATRÁS DOS PRESENTES, QUE RECUAM, VÊ-SE A LA VADEIRA ABRAÇADA A UM HOMEM DE PEQUENA ESTATURA E COM UMA BARBA AVERMELHADA RAIA. SÃO EMPURRADOS PARA A FRENTE. O HOMEM, RINDO MALICIOSAMENTE, CONTINUA ABRAÇADO À MULHER.)

K : Quem são vocês? Que distintivo é esse que vocês estão usando? Todos vocês são funcionários! Todos vocês fazem parte deste Tribunal. Todos vocês se reuniram a minha volta como espectadores curiosos, simulando pertencer a diversos partidos mas na realidade são todos da organização.

(ELE QUER FUGIR PARA A FRENTE. O JUIZ SALTA DA POLTRONA E COLOCA-SE À SUA FRENTE.)

JUIZ : Um momento! Eu devo lembrá-lo de que o seu comportamento hoje o privou da vantagem que um interrogatório significa para um acusado.

K : Eu lhes dou de presente todos os seus interrogatórios.

(O TRIBUNAL SE DESFAZ RAPIDAMENTE ENQUANTO A LUZ VAI BAIXANDO. K PERMANECE NO SEU LUGAR PERPLEXO. LUZ SOMENTE SOBRE K. COMEÇA A MONTAGEM DO CENÁRIO DO BANCO.)

CENA VI ACOITAMENTO

(O BANCO ENCONTRA-SE PARCIALMENTE ILUMINADO, COMO SE ALI JÁ NÃO HOUVESSE MAIS NINGUÉM. OUVEM-SE UM GEMIDO AO FUNDO OU NO PLANO SUPERIOR. LUZ. K CHEGA BEM PERTO. SÃO WILLEM E FRANZ. COM ELAS ESTÁ UM HOMEM DE PÊ, VESTIDO COM UMA ROUPA PRETA DE COURO. OS BRAÇOS ESTÃO NUS. DECOTE V PROFUNDO, APARECENDO O PEITO. ELE LEVANTA UM CHICOTE DE VARAS PARA DAR UM NOVO GOLPE.)



K : (SOBRESSALTADO) O que está acontecendo aqui?

FRANZ : (LEVANTA A CABEÇA) senhor! Nós estamos sendo castigados porque o senhor se queixou de nós ao Juiz.

K : Eu não me queixei. Apenas contei o que aconteceu em meu quarto.

WILLEM : (APOIANDO-SE NOS COTOVELOS) Se o senhor soubesse como somos mal pagos nos julgaria melhor. A gente procura enriquecer como pode. Apenas trabalhando não é possível. É verdade que as suas coisas nos tentaram. Isso foi mal. Mas a tradição é que as roupas ficam para os guardas.

K : Eu não exigi absolutamente a prisão de vocês. A minha queixa é questão de princípio.

WILLEM : Franz, eu não te disse que o Sr. K não pediu a nossa punição? Ele nem sabia que nós deveríamos ser punidos.

(O CARRASCO DÁ UM NOVO GOLPE NAS COSTAS DE WILLEM. ESTE SOLTA UM GEMIDO .)

CARRASCO : (DIRIGE-SE A K) Não se preocupe com essas conversas. A punição é justa e inevitável.

WILLEM - Não. Nós estamos sendo punidos porque o senhor nos denunciou; caso contrário não teria nos acontecido nada. Só há castigo se a coisa se torna pública.

(WILLEM RECEBE UM NOVO GOLPE.)

WILLEM - (LAMENTANDO) Isso é Justiça? Nós dois, principalmente eu, temos nos mostrado dignos de confiança como guardas. Tínhamos toda a chance de ir para a frente. Iamos fazer carreira e logo estaríamos no posto de Carrasco, como



WILLEM : esse aí . Quando a gente chega a carrasco, a gente não é denunciado por mais ninguém e - vira cidadão acima de qualquer suspeita.

(K ESTENDE A MÃO EM DIREÇÃO AO CHICOTE E APALPA AS VARAS LONGAS E FINAS)

K : Esse chicote provoca dores terríveis!? Não há possibilidade de lhes poupar os golpes?

CARRASCO : Não! Você não deve acreditar em tudo o que dizem. Veja como ele é gordo. Os gopes se perdem na gordura. Sabe como ele ficou tão gordo? Devorando o café da manhã de todos os presos.

(O CARRASCO DÁ DOIS GOLPES SOBRE O PEITO DE WILLEM. ELE SE VIRA E O SEGUNDO GOLPE PEGA NAS COSTAS. WILLEM GRITA.)

K : Mas é preciso que gritem assim? Se alguém do Banco ouve, posso perder minha posição!

(WILLEM PROCURA ABAFAR OS GRITOS COM AS MÃOS .)

FRANZ : Você está vendo? Nós procuramos não gritar.

K : (FALANDO COM O CARRASCO) Eu lhe recompensarei bem, se os deixar ir embora.

(K TIRA A CARTEIRA)

CARRASCO : E voce quererá depois me denunciar também!

K : Seja razoável. Se eu quizesse a punição desses dois, eu não queria comprar a liberdade deles agora.

CARRASCO : Não me deixo subornar. A minha função é bater. Portanto, bato.



(FRANZ ENGATINHA E SEGURA FIRME NAS PERNAS DE K)

FRANZ : Senhor, se não conseguir clemência para nós,
procure ao menos me libertar. Willem é mais
velho que eu. É menos sensível. Já foi espan-
cado outras vezes.

(ENXUGA AS LÁGRIMAS NAS CALÇAS DE K. O CARRASCO PUXA FRANZ
PARA TRÁS. SEGURA O CHICOTE COM AMBAS AS MÃOS)

CARRASCO : Agora chega!

(COM TODA A FORÇA, GOLPEIA FRANZ VARIAS VEZES. WILLEM ENGA-
TINHA PARA O LADO E OBSERVA A CENA COM A BOCA ABERTA. FRANZ
SOLTA UM UIVO ESTRIDENTE, QUE RESSOA POR MUITO TEMPO.)

K : (TAPANDO OS OUVIDOS) Não grite! Não grite!
O edifício inteiro pode ouvir!

(K EMPURRA FRANZ COM OS PÉS. DE CIMA CHEGAM KAMINER, RABEN-
STEINER E KULLICH, COM LÂMPIÕES NAS MÃOS.)

KAMINER : O que é? Quem está aqui?

K : Sou eu!

KAMINER : Está acontecendo alguma coisa Sr.K ?

K : Não, não, apenas um cão uivando no pátio.

KULLICH : Mas não tem nenhum cachorro no pátio.

RABENSTEINER : Há algum problema aí dentro?

K : Não... As coisas lá dentro estão em desordem.
O senhor precisa dar uma arrumada nisto aman-
nhã. Lá dentro se afunda em sujeira.

RABENSTEINER: Não quer que limpemos já?



K : (EMPURRA-O PARA TRÁS) Não! Não? Agora não ?

(K SE ENCOSTA NO ARMÁRIO, BATE ALGUMAS VEZES COM AS MÃOS NA PORTA.)

K : Vão embora! Vão embora!

(OS TRÊS FUNCIONÁRIOS VÃO-SE. K PERMANECE SÓ. OLHA O PÚBLICO E SAI; APAGA-SE A LUZ.)

CENA VII : LAVADEIRA

(OS CORTIÇOS DO PALCO DE CIMA COM SUAS FILEIRAS, PÓDIUS E GALERIAS COMO ANTES, PORÉM VAZIAS AGORA.

PALCO DO MEIO: AQUI ESTÃO SENTADAS PESSOAS QUE ESPERAM, NUM LONGO BANCO DE MADEIRA, NUMA DISPOSIÇÃO SEMELHANTE A DOS CLIENTES NO BANCO. ESTÃO SENTADOS SEPARADOS UM DO OUTRO. NÃO FALAM ENTRE SI E NÃO SE VIRAM. ALGUNS SEGURAM PASTAS DE ARQUIVOS NOS JOELHOS; UM OUTRO UMA PORÇÃO DE PAPAPAPÉIS, OS QUAIS FOLHEIA. OLHAM, AS VÉZES, PARA A FRENTE, RA VER O QUE ACONTECE OU SENTAM-SE FECHADOS EM SI MESMOS. NA ESCRIVANINHA À FRENTE, ESTÃO ALGUNS CADERNOS E LIVROS ENCEBADOS DO JUIZ. UM ESTÁ NO CHÃO, AMASSADO E ABERTO.)

MULHER : O senhor foi chamado?

K : Não, mas apesar disso estou aqui.

MULHER : Hoje não há nenhuma sessão.

K : Não há uma sessão todos os domingos?

(A MULHER SACODE A CABEÇA NEGATIVAMENTE. K SE APROXIMA DA ESCRIVANINHA. PEGA UM DOS ESCRITOS DO TRIBUNAL.)

K : Posso olhar os livros?

MULHER : Não, isso não é permitido.

K : (VOLTANDO-SE) Então eu vou-me embora.



MULHER : Devo comunicar alguma coisa ao Juiz?

K : A senhora o conhece?

MULHER : Naturalmente. Meu marido é servicial do Tribunal.

K : (ADMIRADO) A senhora é casada?

MULHER : Ah! Já sei. O senhor se refere ao que aconteceu durante o interrogatório. O que fiz foi para tentar interromper seu discurso.

K : Por que?

MULHER : A impressão que o senhor estava causando já era suficientemente ruim.

K : Mas com a senhora não foi diferente...

MULHER : O meu marido já acabou aceitando isso. Para conservar o emprego, ele precisa suportar tudo. / Aquele que estava comigo é um estudante que vive atrás de mim. Ele é muito considerado pelos membros do Tribunal. Terá brevemente um poder maior aqui dentro.

K : Isto combina com todo o resto.

MULHER : O senhor está querendo modificar alguma coisa aqui ? Eu entendi isso pelo seu discurso. Não o ouvi todo mas me agradou muito.

(ELA PEGA DE REPENTE A MÃO DE K)

MULHER : O senhor acredita que conseguirá modificar alguma coisa?

K : Na verdade, não estou querendo modificar nada. Eu nunca teria me envolvido nisso tudo de livre e espontânea vontade. Fui forçado pelas circunstâncias. Mas no meio de tudo isso, se puder ser útil, também a senhora... Não por amor ao próximo, mas porque a senhora também pode me ajudar.



MULHER : Eu o ajudarei.

K : A senhora poderá me ajudar, sem se prejudicar?

MULHER : Venha. Precisamos discutir.

(ELA O PUXA PARA A CAMA E SENTA-SE. SEGURA SUA MÃO)

MULHER : Os seus olhos são lindos! Dizem que eu tenho olhos bonitos, mas os do senhor são mais bonitos. Eu os notei imediatamente, quando o senhor veio aqui pela primeira vez.

(K TIRA A MÃO. RECUA ALGUNS PASSOS)

K : Eu não acredito que a senhora possa me ajudar. A senhora deve conhecer apenas os funcionários baixos, que andam por aqui. A senhora me agrada mas também faz parte da organização.

(A MULHER SALTA E PEGA NOVAMENTE A MÃO DE K)

MULHER : Não vá embora assim. Você está enganado a meu respeito.

(ELA O PUXA DE VOLTA À CAMA. ELE SE SENTA PERTO DELA.)

K : Se a senhora quiser eu ficarei. Mas não queira fazer nada por mim

MULHER : O senhor não quer então que eu interfira? O Juiz me aprecia muito. Vai sempre até a minha cama me mostrar o que escreveu. Tenho provas disso: Veja aqui - (ELA SE LEVANTA, PUXA A SAIA ATÉ ACIMA DO JOELHO E LHE MOSTRA AS MEIAS) - foi ele quem me deu. São meias caras.

(ELA SE INTERROMPE E COLOCA A MÃO NO JOELHO DE K, COM A SAIA AINDA LEVANTADA.)



MULHER : Silêncio! O estudante está olhando para nós.

(O ESTUDANTE APARECE NUM ESTRADO, COÇANDO A BARBA RALA AVER:
MELHADA. K OLHA PARA ELE, SÓ ENTÃO, A MULHER ABAIXA A SAIA.)

MULHER: : Eu preciso ir com ele, agora. Voltarei logo. /
Então irei com o senhor, se quiser me levar.

(ELA ACARICIA A MÃO DE K. O ESTUDANTE BATE COM O PÉ NO CHÃO.
ELA CORRE ATÉ ELE E SE JOGA EM SEUS BRAÇOS. K ESTENDE A MÃO
EM DIREÇÃO À MULHER.)

K : Venha!

ESTUDANTE: (COM VOZ AGUDA) Não! Não! O senhor não a terá!

(COM FORÇA SURPREENDENTE AGARRA A MULHER E CARREGA-A PARA
FORA. K QUER IR ATRÁS DELES E TENTAR RETÊ-LA)

MULHER : Não, deixe-o! Ele precisa me carregar até o Juiz.

(K VOLTA-SE. AS PESSOAS QUE ESPERAM, OBSERVARAM TODA A CENA,
SEM MOSTRAR NENHUM INTERESSE E ESTÃO SENTADOS AGORA, OUTRA /
VEZ RÍGIDOS E INCLINADOS)

O SERVIÇAL DO TRIBUNAL APARECE, VESTINDO UMA ROUPA COMPRIDA,
TODA FECHADA. ENTRE OS BOTÕES HABITUAIS, ALGUNS SÃO DOURADOS;
O ÚNICO SINAL DE SUA DIGNIDADE.)

SERVIÇAL : O senhor viu uma mulher por aqui?

K : O senhor é o Serviçal do Tribunal?

SERVIÇAL : Sim.. e o senhor é o acusado. Mas hoje não há
sessão.

K : Eu sei. Eu conversei com a sua mulher. O Estuda-
te a carregou até o Juiz.

SERVIÇAL : Veja: sempre a carregam prá algum lugar. Me dão
alguma tarefa, corro tão rápido quanto posso e
quando volto ela nunca está aqui. Se eu não fosse



SERVIÇAL : ...tão dependente, eu já teria esmagado este Estudante na parede, há muito tempo.

(K APONTA PARA OS QUE ESPERAM)

K : São acusados?

SERVIÇAL : Sim, todos os que estão aí são acusados tentando movimentar os seus processos. Aquele ali, por exemplo: o seu processo continua na mesma fase já há cinco anos.

(K OLHA ELAS PARA ELAS AGUNS MOMENTOS, DIRIGE-SE ENTÃO AO QUE FOI DESCRITO COMO UM GRANDE HOMEM DE NEGÓCIOS: TEM CABELOS GRISALHOS. O TERNO É DE CORTE ELEGANTE, MAS O COLARINHO : ESTÁ ABERTO. O HOMEM PROCURA PRENDÊ-LO COM AS MÃOS.)

K : O que o senhor está esperando?

(O HOMEM SALTA CONFUSO)

SERVIÇAL : (DIRIGE-SE AO HOMEM VIOLENTAMENTE, SEM O / MÍNIMO RESPEITO) Este senhor está lhe perguntando o que espera. Responda!

COMERCIANTE : Estou esperando...

(ELE SE INTERROMPE HESITANTE. ALGUNS DOS OUTROS ACUSADOS SE LEVANTAM E SE APROXIMAM.)

SERVIÇAL : Para trás! Para Trás!

(ELAS RECUAM)

COMERCIANTE : Há uns três meses atrás fiz nova documentação, requerendo provas sobre meu caso.

K : Eu também sou um acusado mas não requeri provas, nem coisa nenhuma. (QUASE AMEAÇADOR) O senhor não acredita que eu seja um acusado não é ?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



COMERCIANTE : (AMELHORADO) Claro que acredito.

(K PEGA O HOMEM LEVEMENTE PELA BRAÇO. ESTE DÁ UM GRITO ESTRIDENTE. K O EMPURRA VIOLENTAMENTE PARA O BANCO. O HOMEM PERMANECE LÁ, INERTE. OS OUTROS SENTARAM-SE NOVAMENTE. UM OFICIAL, NUM TERNO ESCURO VAGA - BUNDO, MAS COM O SABRE LONGO ARRASTANDO PELO CHÃO, APARECE COM AS PERNAS RÍGIDAS, PASSOS CURTOS):

PORTEIRO : Não é nada. Como sempre, outro deles se alterou.

(O OFICIAL PERMANECE ALI POR ALGUNS MOMENTOS. MÃOS NAS COSTAS. OLHA SEVERAMENTE PARA OS ACUSADOS. O PORTEIRO VAI COM K PARA A FRENTE).

K : Agora que entendo como são as coisas por aqui, quero ir embora.

PORTEIRO : O senhor ainda não viu nada.

K : Eu não quero ver mais nada. Onde é a saída?

(K VAI EM DIFERENTES DIREÇÕES. AINDA INSEGURO, PERMANECE PARADO, INDECISO, COLOCA A MÃO NA TESTA. COMO DA OUTRA VEZ, NA SUA PRIMEIRA IDA AO TRIBUNAL, UM ZUMBIDO ABAFADO).

K : Aqui há tantos corredores. Ajude-me!

PORTEIRO : Não grite. Há escritórios por todos os lados.

K : O senhor precisa me mostrar o caminho?

(O RUÍDO SE TORNA MAIS FORTE; K SE APÓIA NUMA CADEIRA)

PORTEIRO : Está se sentindo mal?

(K SENTA-SE)

PORTEIRO : Isso é normal. No começo todos se sentem mal. O ambiente aqui é mesmo um pouco pesado. Depois o senhor se acostuma.

(K TENTA SE LEVANTAR. AFUNDA-SE, PORÉM, DE VOLTA.)

PORTEIRO : Quer que o leve até a enfermaria?

K : (LEVANTANDO-SE COM ESPORÇO) Não! Para a enfermaria não! Eu já posso andar. Logo que sair melhorarei imediatamente, com certeza. Se o senhor puder, apóie-me.

(O ZUMBIDO E OS SUSSURROS CRESCEM. OS ESPAÇOS DO FUNDO SÃO PREENCHIDOS POR PESSOAS. APARECEM OUTRA VEZ AS CASAS PEQUENAS E POBRES. MULHERES EM SAIAS SIMPLES, AVENTAIS. HOMENS EM MANGAS DE CAMISA, PALETÓS DE TRABALHO. VEM TAMBÉM DOS LADOS E PARA A FRENTE; APERTADOS. OS ACUSADOS SE LEVANTAM DO BANCO. ELES E O PORTEIRO SAEM APRESSADAMENTE.



(K SENTA PARA O LADO. UM HOMEM VESTIDO SIMPLEMENTE, O MESMO QUE APARECEU NA PRIMEIRA MANHÃ NA PENSÃO, APROXIMA-SE DELE E APÓIA-O, PELO BRAÇO, LEVA-O PARA A DIREITA, PARA A CAMA. O GRUPO CONTINUA A CAMINHAR PELA ESQUERDA).

UM DO GRUPO : Vocês não deveriam tê-lo deixado entrar! (ATRÁS, ENTRE RUÍDOS? GEMIDOS? RUÍDOS ABAFADOS GRESCENTES, COMEÇA A MUDANÇA DE CENÁRIO). (O HOMEM LEVOU K PARA A CAMA. K SENTA-SE NA BEIRA DA CAMA).

K : Eu não costumo ter essas indisposições. (K DEITA-SE. O HOMEM O AJUDA).

K : Obrigado, muito obrigado. Já está tudo bem. (O BARULHO ATRÁS DIMINUI. O HOMEM SAI VAGAROSAMENTE. TODO O PALCO DE CIMA FICA ESCURO).

CENA VIII - Na Pensão

(K ESTÁ DEITADO NA CAMA)(K SE APASTA, VAI ATE A MESA DE SE LAVAR. O CAPITÃO BATE AS MÃOS, K VIRA-SE RÁPIDO).

CAPITÃO : Que tal?... (COM POSE DE DESAFIO PARA UMA LUTA)

K : (REPELINDO O CONVITE) Não, não!...

(ATRÁS APARECE UM HOMEM, COM UM CHAPÉU PANAMÁ LARGO, CAVANHAQUE E PINCE-NEZ. DIRIGE-SE À SENHORA GRUBACH. ELA SE LEVANTA. APONTA PARA K).

GRUBACH : O senhor tem visita, senhor chefe-de-seção! Seu tio! (O HOMEM SE DIRIGE RAPIDAMENTE A K, ENQUANTO O CAPITÃO SE APASTA).

O TIO : O que eu ouvi, Josef!

K : (ENXUGANDO-SE) Você não quer se sentar? O que é que você ouviu?

O TIO : Pelo amor de Deus, Josef, é verdade? É possível que seja a verdade?

K : (OLHANDO INQUIETO PARA OS LADOS) Eu não sei o que você quer de mim.

O TIO : Josef, você nunca mentiu para mim.

K : Acho que sei o que você quer saber. Você provavelmente já ouviu falar do meu processo.

O TIO : É isso mesmo. Eu ouvi falar do seu processo.



K : Abaixa a voz. Quem lá contou?

(O CAPITÃO E A SRA. GRUBACH SE COLLOCARAM, NESSE MEIO TEMPO, EM POSIÇÃO DE ESCUTA, EM CIMA A ESQUERDA. A DIREITA, A SRTA. BURSTNER TAMBÉM VEIO MAIS PARA A FRENTE. TODOS PERMANECEM IMÓVEIS).

TIO : (SEM ABAIXAR A VOZ) Eu estive primeiro em teu escritório. Lá alguns funcionários disseram que você está agora sempre em processos. Em que processos, pergunto eu. Bem, no processo que está sendo realizado contra o senhor chefe-de-seção, dizem eles. Mas, que processo? - pergunto eu. Bem, um processo, dizem eles - e um processo muito sério. Mas que isso não sabiam. Pelo amor de Deus, que processo é esse, Josef? Não é um processo penal?

K : É um processo penal.

TIO : E você fica aqui, tranqüilo, com um processo penal nas costas? Josef! Pense em você, em seus parentes, em meu bom nome. Você foi até agora o nosso orgulho, você não pode se transformar em nossa vergonha.

K : Não fale tão alto! Podem nos ouvir!

(A SRA. GRUBACH E O CAPITÃO VIERAM MAIS A FRENTE CHEGANDO ATÉ O LIMITE DOS DEGRAUS).

TIO : (ANDANDO PARA LÁ E PARA CÁ, NERVOSO) Ah! Tua pobre mãe! Ela não sobreviveria!

K : Cale-se!

TIO : Não consigo compreender! Agora me diga apenas: o que é que isso vai dar? Me diga, abertamente, que tipo de processo é esse!

K : Não se trata de um processo perante um Tribunal usual.

TIO : Isso é mau.

K : Eu não estou dando muita importância a tudo isto!

(O TIO TIRA VIOLENTAMENTE O CHAPÉU E "ARRANCA" OS CABELOS).

TIO : Josef, a tua indiferença me deixa louco!

K : Meu caro tio, sua agitação é inútil.

TIO : O mais importante agora é não perder tempo. Vamos imediatamente ao advogado Huld. Fomos colegas de classe. Você deve conhecê-lo de nome.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(KA SACODE A CABEÇA NEGATIVAMENTE).

TIO : Não? Isso é estranho. Ele tem muita fama como advogado de defesa. Vamos!

(O TIO COMEÇA O BRAÇO DEBAIXO DO BRAÇO DE K. PÕE NOVAMENTE O CHAPEU, ANDA PARA LÁ E PARA CÁ, MANTENDO-O BEM PRÓXIMO DE SI. O CAPITÃO E A SRA; GRUBACH RECUAM. A PARTE DE TRÁS ESCURECE. ENQUANTO ISSO, UMA MULHER VESTIDA COM UM LONGO AVENTAL BRANCO PÕE NA CAMA A DIREITA UM ENCERME ACOLCHOADO. UM HOMEM DE MEIA IDADE, BARBAS BRANCAS, DEITA-SE DEBAIXO DO ACOLCHOADO. ELE SE RECOSTA EM ALGUMAS ALMOFADAS GRANDES).

CENA IX - No Advogado

(A MULHER COM O AVENTAL DE ENFERMEIRA, LENI, PÕE-SE PROTETORAMENTE EM FRENTE À CAMA. O TIO SOLTA O BRAÇO DE K E APROXIMA-SE DA CAMA. K PERMANECE PARADO A ALGUMA DISTÂNCIA).

ADVOGADO : (CLIMA DE CONVALESCÊNCIA) Leni, quem está aí?

(DE REPENTE, SALTAM K E O TIO SOBRE A CENA, QUASE MATANDO O ADVOGADO DE SUSTO).

TIO : Albert, o teu velho amigo!

ADVOGADO : Ah, Albert.

TIO : (EMPURRANDO LENI PARA O LADO E DIRIGINDO-SE AO ADVOGADO) Você está tão mal assim?

ADVOGADO : Pior do que nunca. Dia a dia perco as forças.

TIO : Você tem se cuidado direito?

ADVOGADO : Eu preciso, antes de mais nada, de repouso.

TIO : (DIRIGINDO-SE A LENI) Senhorita, deixe-nos a sós, por favor.

(LENI SAI)

TIO : Trata-se de meu sobrinho Josef.

(ELE APONTA PARA K, QUE SE APROXIMA E SE INCLINA).

(LENI SE AFASTA OLHANDO DEMORADAMENTE PARA K).

ADVOGADO : Eu me consideraria feliz se tivesse saído para tratar do caso do teu sobrinho, que é extremamente difícil.

K : Como? De onde o senhor soube sobre meu processo?

ADVOGADO : Eu sou advogado. Frequento o círculo dos tribunais. Lá só se fala de processos, e os mais comentados são os

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



... que ficam na memória, especialmente quando é o do sobrinho de um amigo.

K : O senhor frequenta o círculo dos Tribunais?
 ADVOGADO : É claro que sim, e desses círculos tiro grandes vantagens para os meus clientes.

(À ESQUERDA, ATRÁS DA ESCRIVANINHA, OUVES-SE UM TILINTAR LEVE, COMO DE PORCELANA QUE SE QUEBRA).

K : (VOLTANDO-SE) Vou verificar o que aconteceu.

(ELE SE AFASTA DEVAGAR. O ADVOGADO RI. O TIO SUSSURRA ALGUMA COISA, AMBOS RIEM. O ADVOGADO DESENTERRA UMA GARRAFA DE VINHO DAS COBERTAS, LEVANTA-SE. O TIO AJUDA O ADVOGADO A AMARRAR UMA CAMISOLA GRANDE E CINZENTA; AMBOS SE AFASTAM SUSSURRANDO E RINDO BAIXO. A GARRAFA DE VINHO BALANÇA NA MÃO DO ADVOGADO.)

LENI : (PARA K) Não é nada, eu deixei cair um prato de propósito, só para atraí-lo até aqui.

K : Eu também pensei na senhorita.

LENI : Melhor, venha.

(ELA O PUXA PARA A POLTRONA DA ESCRIVANINHA. K SENTA-SE ENQUANTO ELA SE DEIXA ESCORREGAR PARA O CHÃO, EM FRENTE A ELE) ELA PÕE OS BRAÇOS NOS JOELHOS DE K. UM QUADRO GRANDE CHAMA A ATENÇÃO DE K. ESTÁ PENDURADO ACIMA DO ARMÁRIO, NO MEIO. REPRESENTA UM HOMEM EM TRAJES DE JUIZ. ESTÁ SENTADO NUM TRONCO ALTO, DOURADO, MAS NÃO EM POSIÇÃO DE TRANQUILIDADE E DIGNIDADE. TEM AS MÃOS NOS BRAÇOS DO TRONO, COMO SE QUISESSE SAIR DISSA POSIÇÃO INCÔMODA E BALSA. ALGUNS DEGRAUS LEVAM ATÉ O TRONO).

K : (APONHANDO PARA O QUADRO) Talvez seja o meu juiz.

LENI : Eu o conheço. Ele vem sempre aqui.

K : Qual a posição que ele ocupa na hierarquia judiciária?

LENI : Ele é juiz de investigações.

K : Outra vez, apenas juiz de investigações. Os altos funcionários se escondem. Quem pintou esse quadro?

LENI : Um tal de Titorelli. Ele trabalha para o Tribunal pintando os juizes.



- K : Todos os juizes? Talvez ele me possa ser útil. Será que ele poderia me dar um conselho?
- LENI : O senhor só pensa no seu processo?
- K : Eu penso muito pouco nele.
- LENI : Esse não é o seu erro maior. O senhor é inflexível de mais, assim ouvi dizer. (NUM CANTO, NA PENUMBRA, APARECE UM ROSTO OBSERVANDO) Não seja assim! Não é possível se defender contra esse Tribunal. Faça a sua confissão na próxima oportunidade. Então talvez o senhor possa se libertar, digo, livrar. Isso não é possível sem ajuda alheia. E eu o ajudarei.

(LENI SE ENCOSTA EM K. K A PUXA PARA SEU COLO. ELA ALISA A SAIA E ARRANJA A BLUSA. PENDURA-SE NO PESCOÇO DE K, INCLINA-SE PARA TRÁS E OLHA PARA ELE).

- K : E se eu não confessar, a senhorita não pode me ajudar?
- LENI : Não, aí não posso. Mas o senhor não quer a minha ajuda. Eu não lhe interessou... O senhor tem uma amante?
(LENI ABRAÇA-O E BEIJA-O)

(NO CANTO, O ROSTO APARECE DE NOVO MAIS CLARAMENTE).

- LENI : Você me beijou?

(BLOCK SE ESPICHA PARA VER MELHOR A CENA E PROVOCA UM RUÍDO).

- K : Quem está aí?

- LENI : É Block, o comerciante.

(BLOCK VEM SE ARRASTANDO ATÉ PERTO DE K)

- K : O que ele faz aqui?

- LENI : Block é um dos melhores clientes do advogado. E como o advogado pode chamá-lo a qualquer hora, até mesmo durante a noite, ele já se instalou aqui definitivamente.

- BLOCK : (HUMILDEMENTE A K) Eu já o vi na sala de espera do Tribunal.

- K : Então o senhor é cliente do Dr. Huld? Ele já entrou com alguma petição para o senhor?

- BLOCK : Muitas, diversas petições.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- K : E o que diziam?
- BLOCK : Muita coisa intelectual. Infelizmente não entendo latim para compreender melhor. E depois, páginas e de invocações gerais ao Tribunal. Bajulações individuais para os funcionários e um alto elogio do advogado.
- LENI : Rudê! Limite-se ao assunto, (PARA K) Block sabe que precisa do advogado. Tem um processo já há muito mais tempo que o senhor.
- BLOCK : Sim, há cinco anos este processo rola diante de mim. Eu também fui impaciente. Meu processo não avançava e ... (SUSSURANDO PARA QUE LENI NÃO OUÇA) aí fui a cinco advogados.
- K : Cinco?!
- BLOCK : Psiu! (OLHA PARA VER SE LENI ESTÁ OUVINDO) Ao lado do meu advogado, arranjei outros advogados menores. Eu queria ver progresso, um progresso palpável. Gastei tudo o que possuía para não perder meu processo. Antes o meu escritório de negócios ocupava um andar inteiro. Hoje, tenho apenas uma pequena sala em uma casa de fundos... Se ao menos meu processo atingisse sua primeira audiência...
- LENI : (COM VOZ DURA, CHAMANDO A ATENÇÃO DE BLOCK) Quem é o teu advogado?

(BLOCK ASSUME UM GESTO DE EXTREMO RESPEITO, COMO SE OUVISSE UM HINNO. LENI TAMBÉM ASSUME ESTA POSIÇÃO).

- BLOCK : Huld é meu advogado.
- LENI : E além dele?
- BLOCK : Ninguém além dele? Huld é meu grande advogado.

(A CENA DESCONTRAI-SE DE NOVO).

- BLOCK : (SUSSURANDO) Eu o chamo de grande advogado porque ele é o maior entre os pequenos advogados.
- K : Existem então maiores?
- BLOCK : Há sim! Verdadeiros grandes advogados.
- K : E quem são eles? Como se chega até eles?
- BLOCK : Não existe um acusado que, ao saber de tais advogados



... não se deixe tentar, mas até eles ninguém chega.
Não conheço nenhum acusado que o tenha conseguido.

(ESTA ÚLTIMA FRASE NÃO É CONCLUÍDA? POIS A VOZ DO TIO INTERROMPE-A IMEDIATAMENTE, FAZENDO COM QUE BLOCK DESAPAREÇA NO AMBIENTE).

TIO (OFF) : Josef, onde está você? Agora que a salvação está próxima você desaparece? Josef, venha! O advogado te espera.

(QUANDO K APRONTA-SE PARA SAIR, OLHA MAIS UMA VEZ O QUADRO, DE FORMA A DESTACÁ-LO).

K : Titorelli ...

CENA X - No Atelier

(K ESTÁ EM FRENTE AO ARMÁRIO. HÁ RISINHOS E SUSSURROS ATRÁS. K BATE À PORTA DO ARMÁRIO, QUE SE ABRE. DO LADO DE DENTRO DE UMA DAS ALAS DA PORTA LE-SE "TITORELLI". HÁ MULDURAS EM PRANCHETAS, ROLOS DE TELAS, MAÇOS DE PAPEL DE DESENHO, PINCÊIS, GARRAFAS, PEQUENOS QUADROS REPRESENTANDO PAISAGENS SOMBRIAS SUPERLOTAM O ESPAÇO ESTREITO INTERNO. TITORELLI SAI DESSA CONFUSÃO DO CENÁRIO. USA UM BIGODE RETORCIDO. NA CABEÇA, UM BONÉ DE VELUDO LARGO. CARREGA UM CAVALETE. COLOCA-O PARA FORA, ENCOSTA NELE UM QUADRO JÁ INICIADO. É O RETRATO DE UM HOMEM DE BARBAS NEGRAS EM TRAJES DE JUIZ. TITORELLI VESTE UM CAMISOLÃO MUITO LARGO. COLOCA POR DENTRO DA CALÇA DE LINHO TAMBÉM LARGA, E PRENDE-A COM UMA FAIXA).

TITORELLI : (INCLINANDO-SE DEFRONTE A K) Pintor Titorelli.

K : (OLHANDO AO REDOR) O senhor não mora sozinho?

TITORELLI : São as meninas da vizinhança.

(NO FUNDO, RISADINHAS).

TITORELLI : Eu pintei uma delas uma vez. Desde então, todas elas correm atrás de mim. O senhor quer comprar quadros ou ser retratado?

K : (CONFUSO) Como? (INSEGURO) Ficarei apenas por alguns momentos.



(ELE OLHA O QUADRO DO CAVALETE)

TITORELLI : Sente-se.

K : O senhor por acaso é homem de confiança do Tribunal?

TITORELLI : (JOGANDO UMA CAMISA SUJA DE TINTA SOBRE O QUADRO DO CAVALETE) Vamos abrir o jogo. Sim, eu sou um homem de confiança do Tribunal.

K : É uma posição oficial?

TITORELLI : Não. Mas, as posições não oficiais, são muitas vezes mais influentes que as oficiais... O senhor é inocente?

K : Sim.

TITORELLI : Ah! sei... Se o senhor é inocente, então a coisa é muito simples.

K : Mas de qualquer forma, o Tribunal continua me acusando.

TITORELLI : O senhor é, porém, inocente?

K : Sim, sou.

TITORELLI : Isso é o principal.

K : O senhor conhece o Tribunal muito melhor do que eu. Apenas cuço falar pelos outros. Todos, porém, estão convictos de uma coisa: quando o Tribunal acusa, está firmemente convencido da culpa do réu.

TITORELLI : E não se pode realmente afastar o Tribunal dessa convicção.

(RISADINHAS MAIS FORTES).

TITORELLI : Perdoe-me. Essas meninas também fazem parte do Tribunal. Tudo é o Tribunal. Mas, se o senhor é inocente, eu o tiro de lá.

K : Mas o senhor acabou de dizer que o Tribunal é inacessível para as provas.



TITORELLI : Inacessível apenas para as provas que são levadas di-
ante do Tribunal. A situação é diferente para o que
que se procura atrás do Tribunal, nos corredores, ou,
por exemplo, aqui - no atelier.

K : Sim, é verdade. Está bem de acordo com as minhas ex-
periências até agora. Como o senhor poderia me aju-
dar?

TITORELLI : Primeiramente preciso saber que tipo de liberdade o
senhor deseja. Há três possibilidades: absolvição to-
tal, absolvição aparente e absolvição a longo prazo.
A absolvição total é obviamente a melhor. Só que não
tenho a menor influência nesse tipo de solução. ~~Eu~~
nunca vi uma absolvição total.

K : Nenhuma absolvição total? Isso confirma a opinião
que tenho do Tribunal? Um único carrasco poderia subs-
tituir perfeitamente todo o Tribunal

TITORELLI : O senhor não deve generalizar. Estou falando apenas
das minhas próprias experiências

K : O senhor mencionou ainda duas outras possibilidades...

(K ENXUGA A TESTA)

TITORELLI : Absolvição aparente e absolvição a longo prazo. Com
a minha ajuda pode-se conseguir ambas. Naturalmente
com muito sacrifício. Bem, primeiro a absolvição a-
parente: se o senhor quiser essa, escrevo numa fo-
lha de papel a confirmação de sua inocência. Com es-
sa confirmação, irei aos juizes que conheço. Começo
pelo Juiz que estou pintando agora. Explico a ele que
o senhor é inocente. Eu respondo pela sua inocência.
Eu fico responsável pelo senhor. Se eu obtenho a as-
sinatura dele, obtenho também a de outros juizes.

K : E então eu estaria livre? (HESITANTE)



TITORELLI : Sim, Mas apenas aparentemente livre, ou melhor, livre por algum tempo. Os Juizes mais baixos, que são os do meu conhecimento, não têm poder para ab solver definitivamente.

K : E se eu for absolvido pelos Juizes baixos...
 TITORELLI : Então o senhor foge da acusação no momento. Mas, e la continuará a pairar sobre o senhor e poderá, logo venha um comunicado do alto, tornar-se de novo imediatamente em vigor.

K : E o processo começa de novo.

TITORELLI : Claro. Mas, existe outra vez a possibilidade de obter outra absolvição aparente. É preciso reunir de novo todas as forças.

(K INCLINA A CABEÇA, OLHOS FECHADOS, INERTE)

(O PINTOR VAI EM DIREÇÃO E ELE - PEGA SEU QUEIXO E LEVANTA-LHE A CABEÇA).

K : (SEM CORAGEM) E a segunda absolvição é mais difícil de ser conseguida que a primeira...

TITORELLI : E não é definitiva. A segunda absolvição é seguida pela terceira prisão; a terceira absolvição é seguida pela quarta prisão e assim por diante. (K INCLINA NOVAMENTE A CABEÇA. O PINTOR VOLTA PARA A POLTRONA E SENTA-SE).

TITORELLI : A absolvição aparente parece não ser muito vantajosa para o senhor. Talvez lhe seja mais conveniente a absolvição a longo prazo. O senhor quer que eu lhe explique? Absolvição a longo prazo consiste em deixar o processo no estágio permanentemente mais baixo. Em intervalos regulares, de tempo em tempo, vai-se até o Juiz encarregado do processo. Procura-se conserva-lo de qualquer forma como amigo. Se não o perdermos e conservarmos a sua



amizade, o processo não passará do primeiro estágio. O processo não é encerrado, mas o acusado está livre de uma condenação. Em comparação com a absolvição aparente, a absolvição a longo prazo tem a vantagem de que o futuro do acusado é menos indefinido. Ele está livre do susto da prisão re-
mentina.

(K SE LEVANTA E COMEÇA A VESTIR O PALETÓ).

TITORELLI : O senhor já vai?

K : Sim, já...

TITORELLI : (LEVANTANDO-SE TAMBÉM E APROXIMANDO-SE DE K) :
O senhor não gostaria de comprar um quadro, antes de ir-se ?

K : (IMPACIENTE) Claro...

(TITORELLI TIRA DENTRE OS ENTULHOS UM DOS PEQUENOS QUADROS SEM MOLDURA PARA MOSTRÁ-LO A K E O LEVANTA. PLANÍCIE SOMBRIA COM DOIS ÁLAMOS BRANCOS ? ATRÁS UM POR DE SO: AVERMELHADO).

TITORELLI : Uma paisagem...

K : Ótimo, eu compro.

(K TIRA A CARTEIRA, O PINTOR PEGA UM SEGUNDO QUADRO MUITO SEMELHANTE AO PRIMEIRO)

TITORELLI : Aqui está um complemento.

K : Eu compro ambos.

TITORELLI : O motivo aparece agradável.

(PEGA UM TERCEIRO QUADRO TAMBÉM SEMELHANTE)

TITORELLI : Que bom, tenho aqui outro quadro semelhante a estes.

K : Eu levo ele também. Quanto custam os três quadros?

TITORELLI : Falaremos a respeito na próxima vez. Agora o senhor está com pressa. Fico realmente contente que os quadros lhe agradem. Eu vou lhe dar todos que tenho aqui. Algumas pessoas rejeitam tais quadros. Mas, o senhor - o senhor as aprecia.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(DURANTE A FALA DE TITORELLI, K ESVAZIA SUA CARTEIRA E COLOCA CÉDULAS NA MÃO DO PINTOR. ESTE A - CENA RECUSANDO. ACABA PORÉM ACEITANDO O DINHEIRO)
 (TITORELLI PÕE-LHE DEBAIXO DOS BRACOS UMA PORÇÃO DE QUADROS. K VAI COM OS QUADROS PARA A ESCRIVANINHA. TITORELLI PEGA O CAVALETE E ENTRA EM SEU ATELIER, FECHANDO AS PORTAS. K ABRE UMA GAVETA DA ESCRIVANINHA, COLOCA OS QUADRO E FECHA VIOLENTA E RUIDOSAMENTE A GAVETA.) (AS RISADINHA E "CACODAS" AUMENTAM POR ALGUNS MOMENTOS; ENQUANTO O PALCO ESCURECE).

CENA XI : NA CASA DO ADVOGADO

- K : Sr. Advogado. O que o sr. está realmente fazendo pelo meu caso? O Sr. nem me fez perguntas e há tantas perguntas para serem feitas.
- ADVOGADO : A sua primeira petição está quase pronta.
- K : Mas, o senhor mesmo disse que as primeiras petições nunca são lidas no Tribunal! Que são simplesmente arquivadas!
- ADVOGADO - Normalmente são até transferidas se perdem. Mas, mesmo para isso eles tem justificativas, na verdade a defesa não é permitida. Digamos que ela é apenas tolerada.
- K : Claro, claro. O fato é que não há advogados reconhecidos pelo Tribunal. Eles querem eliminar a defesa na medida do possível. E, apesar disso, o senhor não se considera supérfluo?
- ADVOGADO : Supérfluo porque?
- K : O senhor nem tem permissão para estar presente nos processos. O senhor não sabe nada, absolutamente nada do meu processo ! E não me venha sempre com as tais relações influentes. Af está o principal valor da defesa. O senhor mete o nariz em tudo. Subor na. Ouve por trás das portas. Só de mim é que o senhor não quer ouvir nada.



- ADVOGADO : O que o acusado pensa não é importante. O importante é o que dizem a respeito dele. (TEMPO).
- K : Eu devo continuar a ter confiança no senhor!-
- ADVOGADO : Se um acusado constitui um advogado que o representa, e+le deve ficar com ele, aconteça o que acontecer.
- K : Acontece às vezes que o processo toma uma direção qua nem o advogado tem permissão de acompanhar. Af nem mesmo as relações mais influentes poderão, ajudar. O processo entra num estágio em q ue nenhuma ajuda adianta mais.
- ADVOGADO : Felizmente tais casos são exceções. No total, o resultado é muito satisfatório.
- K : Muito satisfatório.
- ADVOGADO : É. Seu processo absolutamente não está perdido. Eu estou preocupado em conseguir um juiz para o senhor, é uma reverência especial q ue lhe faço em consideração ao seu tio. Deixe que mostra como são tratados os outros acusados. E q ue um sabe você possa tirar disso uma lição. (PARA LENI). Chame o Block.

(LENI BATE PALMAS. O COMERCIANTE BLOCK ENTRA, ABATIDO, COM UMA ROUPA QUE JÁ FOI ELEGANTE E QUE AGORA ESTÁ COMPLETAMENTE ENVELHECIDA. BLOCK QUASE RASTEJA. CANÇÃO OU TABULETA: "PARA A PESSOA SUSPEITA É MELHOR O MOVIMENTO DO QUE A CALMA POIS O QUE ESTÁ QUIERO PODE, SEM QUE ELE O SAIBA, SER POSTO EM UMA BALANÇA E PESADO COM SEUS PECADOS").

BLOCK : O senhor chamou? Aqui estou para servi-lo.

LENI : Você é sempre inoportuno.

ADVOGADO : Quem é teu advogado?

(BLOCK ASSUME A MESMA ATITUDE RESPEITOSA DA CERNA COM LENI).

BLOCK : Huld é meu advogado.

ADVOGADO : E além dele?

BLOCK : Ninguém além dele. Huld é meu grande advogado.

K : (PARA BLOCK) Você não acha q ue está esperando



pelo senhor Huld?

- BLOCK : (REPETINDO UMA LIÇÃO) A espera não é inútil. Inútil é a intervenção individual.
- K : Todos os q ue se sentam lá pensam assim?
- BLOCK : Não podemos falar uns com os outros.
- K : Quer dizer q ue não é possível nada em conjunto?
- BLOCK : Apenas individualmente e em segredo se consegue alguma coisa, e assim mesmo nem sempre. Pra isso serve o advogado.
- LENI : (AMESTRANDO-O) Mostra pra ele Rudi, como você pede ao advogado. Como você suplica.
- BLOCK : (DE QUATRO) Ele é meu grande advogado. Ele é o maior entre os pequenos advogados. (BLOCK SE ACALMA)
- LENI : (SEGURANDO BLOCK COMO SE SEGURASSE UM CÃO POLICIAL) Ele não é bonito?
- ADVOGADO : (PARA K) Leni acha a maioria dos acusados bonitos. Aprecia todos, ama todos. E também é amada por todos.
- LENI : Há os belos e os especialmente belos.
- ADVOGADOS : A culpa torna-os belos.
- LENI : (LEVANDO BLOCK EMBORA) Não, a culpa não. É o processo que eles carregam.
- K : (MUITO MOTIVADO PELO QUE ACABA DE VER) Qua não via viciá-lo pela primeira vez, o senhor deve ter notado q ue eu não o me importava muito com meu processo. Entretanto, desde q ue lhe passei minha representação, fiquei aguardando cada vez com maior tensão, que o senhor se resolvesse a realizar alguma coisa. Porém aconteceu tudo ao contrário. O senhor não fez nada. Não, senhor advogado, não me livrar do senhor! Eu mesmo redigirei minha defesa, não nego de antemão qualq uer sentimento de culpa. Jurei no tribunal e apresentarei eu mesmo minha petição de recurso em favor do senhor!



(K SAI CORRENDO EM DIREÇÃO À SUA ESCRIVANINHA ENQUANTO A CENA DO ADVOGADO SE IMOBILIZA E ESCURECE. K SENTA-SE À MÁQUINA DE ESCREVER, COLOCA UM PAPEL E REDIGE).

K : (LENDO ALTO ENQUANTO ESCREVE) "Petição. Dirigida ao Supremo Tribunal".

CENA XII - No Banco

(COM RUÍDOS, COMEÇA A MOVIMENTAÇÃO DO BANCO; OS FUNCIONÁRIOS CORREM DE LÁ PARA CÁ. NA FRENTE, KULICH, KAMINER E RABENSTEINER ARRUMAM O CENÁRIO. K ESTÁ SENTADO À ESCRIVANINHA. TEM AS MÃOS ESPALMADAS DIANTE DE SI. ACIMA DO ARMÁRIO ESTÁ UM QUADRO GRANDE - UMA CÓPIA DA CONHECIDA PAISAGEM):

DIRETOR : Um italiano, amigo de negócios, está visitando o banco. É extremamente interessado em arte e gostaria de conhecer os tesouros culturais da cidade. O senhor, sr. chefe-de-seção, é o homem indicado para lhe mostrar tudo o que temos na cidade.

K : (BAIXO) Eu tenho muito que fazer...

DIRETOR : Mas o senhor sempre se mostrou disposto a deixar o escritório.

K : Mas meus conhecimentos de italiano...

DIRETOR : O senhor escreve cartas comerciais excelentes nessa língua.

K : Meus conhecimentos de História da Arte...

DIRETOR : O senhor é membro da Associação para a Conservação dos Monumentos da Cidade, e além do mais não pretende recusar meu pedido?

K : (LEVANTA-SE) Oh, não! Não...

DIRETOR : Então prepare-se. Descanse por alguns momentos. O senhor anda cansado, sr. K. No seu último relatório, tivemos que fazer todos os cálculos de juros. O que está acontecendo?



DIRETOR : Observe sua escrivadinha - o senhor ainda não percebeu?
(O DIRETOR ARRANCA UMA LASCA DOS BORDOS) A sua escrivadinha está apodrecendo. (ELE TIRA UM CANIVETE, PUXA A LÂMINA, COLOCA DE BAIXO DA TÁBUA DA MESA, LEVANTA-A E TIRA UMA FAIXA DE TÁBUA) Ela vai desmoronar logo!

(ENTRA O ITALIANO. ESTÁ VESTIDO DE MANEIRA EXTREMAMENTE ELEGANTE. TEM UM BIGODE CHEIO, SINZA AZULADO): ELE PERCEBE O QUADRO DA PAISAGEM E SE COLOCA DEBAIXO DELE, ADMIRANDO-O).

O ITALIANO : Ah! Um conoscitore! Um specialista! Un mecenate!

K : (COM UM MOVIMENTO DE MÃO, REJEITANDO AS PALAVRAS) Não, é...

O ITALIANO : Quale capolavoro!

(O DIRETOR ABRE ALGUMAS GAVETAS DA ESCRIVANINHA E AS ESVAZIA; INÚMEROS QUADROS DE PAISAGEM CAEM NO CHÃO. O ITALIANO SE APRESSA E LEVANTA ALGUNS QUADROS).

DIRETOR : Arte, veja o senhor. Apenas com arte se ocupa o senhor chefe-de-seção.

O ITALIANO : Ah! Variazioni!

DIRETOR : Não. Sempre o mesmo! Sempre o mesmo!

O ITALIANO : Geniale!

DIRETOR : Eu lhe peço para esperar o nosso amigo às três horas na Catedral.

K : Naturalmente, senhor Diretor, naturalmente. Farei todo o possível.

DIRETOR : Ele quer conhecer a catedral, mas quer conhecê-la profundamente.

K : Entendo, senhor Diretor

(OS DOIS SE AFASTAM? ITALIANO E DIRETOR)

O ITALIANO : (ACENANDO PARA K) Arrivederci!



(MAL SUBIRAM AS ESCADAS À ESQUERDA, K DIRIGE-SE RAPIDAMENTE PARA O ARMÁRIO. MEXE ENTRE OS ARQUIVOS E PEGA UM LIVRO. DIRIGE-SE ATÉ A CAMA QUE ESTÁ COBERTA, DEITA E FOLHEIA AS PÁGINAS. RABENSTEINER, KAMINER E KULICH APROXIMAM-SE. VEM DE CIMA. COLOCAM OS QUADROS NAS GAVETAS DA ESCRIVANINHA, OLHANDO PARA K COM OLHAR DE REPROVAÇÃO, FAZENDO CARETAS E SACUDINDO A CABEÇA. PRENDEM AS TÁBUAS SOLTAS DA MESA COM BATIDAS DURAS DE MARTELO. PUXAM A ESCRIVANINHA BEM PARA O CANTO, À ESQUERDA. K PÕE O LIVRO SOBRE A CAMA E PRESSIONA A CABEÇA COM OS BRAÇOS. DEPOIS QUE OS TRÊS FUNCIONÁRIOS SAEM, DEITA-SE DE LADO E PUXA OS JOELHOS PARA O CORPO. SILENCIO. APAGAM-SE AS LUZES DE TRÁS. K ESTÁ DEITADO, DE OLHOS FECHADOS. DE REPENTE, LENI APARECE À DIREITA, APÓIA-SE NA BEIRA DA CAMA. INCLINA-SE RÍGIDA SOBRE K, COM O CORPO TENSO).

LENI : (SUSSURRANDO) Eles estão te caçando!

(K SE LEVANTA. LENI JÁ DESAPARECEU).

GENA XIII - Na Catedral

(RÁPIDA E SILENCIOSA TRANSFORMAÇÃO PARA A CATEDRAL. MISTURADO A TOQUE DE SINO, OUVI-SE UM ÓRGÃO QUE AMPLIA O ESPAÇO. LENTAMENTE, UM PADRE SURGE, PERMANECENDO PARADO NO CENTRO. K OLHA PARA ELE.):

PADRE : E como levava uma existência divina, Deus tomou-o para Si e nunca mais foi visto.

(K OLHA PARA ELE)

PADRE : Você é Josef K.

K : Sim.

PADRE : Você está sendo acusado.

K : Sim.

PADRE : Eu mandei chamá-lo para que pudéssemos conversar.

K : Vim aqui para mostrar a catedral a um turista.

PADRE : Deixe de lado as coisas secundárias. Você sabe que o seu processo está indo muito mal?



K : Eu tenho a mesma impressão. Tenho me esforçado muito, mas tem sido inútil. Ainda não consegui entregar minha primeira petição.

PADRE : Como você supõe que terminará o seu processo?

K - Antes eu acreditava que terminaria bem, mas agora duvido muito. Para falar a verdade, não sei como vai terminar. O senhor sabe ?

PADRE : Não. Mas temo que termine mal. Você é considerado culpado. Provavelmente, teu processo não saia da esfera dos tribunais inferiores. Pelo menos por enquanto, teu crime é tivo como provado.

K : Mas eu não sou culpado. É um engano.

PADRE : Isso é o que dizem todos os culpados.

K : Como um homem pode ser culpado?

PADRE : O que você quer fazer?

K : Estou procurando ajuda.

PADRE : Você procura ajuda demais, e de estranhos.

K : Que tribunal é esse que você está servindo?

PADRE : (COM VOZ CORTANTE) Você não vê um palmo diante do nariz.

(SILENCIO)

K- : Então aconselhe-me. Como posso sair do processo? Como poderei viver fora dele? Tem que existir essa possibilidade.

(PADRE SE CALA)

K : Você dispõe de pouco tempo para mim?

PADRE - Tanto tempo quanto você necessite.

K : Confio em você. Com você posso falar abertamente.

PADRE : Não se engane.

K : Onde estou enganado?

PADRE : Ao julgar a justiça você se engana.

K : Então me diga, que tipo de justiça é essa? Muitos falam do Tribunal, mas nunca me defrontei com e-



- le. Então como podem me achar culpado?
- PADRE : Eles interpretam a lei como bem entendem. Eles têm todo o poder de te atribuir essa culpa.
- K : Estão me confundindo com outra pessoa.
- PADRE : Eles podem até mesmo eliminar tua identidade, te designar por uma letra, ou um número.
- K : Então eles me tomam o direito de viver.
- PADRE : Eles podem te tirar o direito de viver se tiverem vontade.
- K : E se eu me recuso a reconhecer a sentença deles?
- PADRE : Mesmo sem as sentenças a lei existe.
- K : Qual o meio de se obter acesso à lei?
- PADRE : O portão está aberto sempre. Sempre que quiser você pode pedir ao guarda permissão para entrar. Vo-cê pode entrar na lei se o guarda não te proibir, mas lembre-se ele é apenas o guarda mais baixo. De sala em sala há outros guardas. Cada um mais poderoso que o outro. Ao chegar no terceiro você não suporta mais.
- K : E se eu questionar o poder dos guardas?
- PADRE : Eles estão lá. Fazem parte da lei. Só através deles voce pode chegar até ela.
- K : E se eu não aceitar a lei como algo verdadeiro?
- PADRE : Não precisa aceitar tudo como verdadeiro. (UM TEMPO)
- K : E assim se faz de mentira a ordem do mundo.
- (O PADRE VOLTA -SE AFASTANDO-SE VAGAROSAMENTE)
- K : Espere. (PADRE, QUE PERMANECEU PARADO? VIRA-SE)
- PADRE : Estou esperando.
- K : Você não tem mais nada a me dizer?
- PADRE : Não.
- K : : Você foi genti^l me explicando tudo. Mas agora me abandona como seu eu nada significasse.
- PADRE : É preciso primeiro que você compreenda quem eu sou.



... e o padre do presídio.

PADRE : Portanto também faço parte do Tribunal.

(O PADRE SE VOLTAR NOVAMENTE AFASTANDO-SE EM LENTIDÃO. O CENÁRIO SE TRANSFORMA DE NOVO, PERDENDO A IDÉIA DE CATEDRAL E SE TRANSFORMANDO AOS POUCOS NO PRESIDIO).

CENA XIV - Diante do Tribunal

O MESMO CENÁRIO DA PRIMEIRA IDA AO TRIBUNAL. ROUPAS DEPENDURADAS, MOVIMENTOS PACATOS, COTIDIANOS. VOZES DE CRIANÇAS, CANTOS, ASSOCIADOS. MÚSICA AO LONGE, NA MESA, À DIREITA, QUE DÁ PARA O PALCO DO MEIO, ALGUNS HOMENS ESTÃO SENTADOS EM TRAJE DE TRABALHO).

K : Eu procuro o Tribunal. É aqui que são feitas as sessões?

1ª MULHER - Que tipo de Tribunal?

K : Onde são efetuados os processos.

2ª MULHER : Do que ele está falando?

1ª HOMEM : De um Tribunal.

(ACIMA DA ESCADA, À DIREITA, ALGUNS MORADORES VEM PARA A FRENTE).

2ª MULHER : O que você quer aqui?

K : Eu preciso me apresentar diante do Tribunal.

(O GRUPO, EM BAIXO, CONTINUA INDO PARA A DIREITA. O HOMEM QUE AJUDARA K NA SUA IDA ANTERIOR AO TRIBUNAL SE DESTACA DO GRUPO).

O HOMEM : Quem te mandou aqui? Quem te domina assim?

K : Eu preciso me apresentar, eu vou voluntariamente.

O HOMEM : Você já aceitou a acusação?

K : Sim.

O HOMEM : Você então vai se defender?

K : Não. Não há mais sentido.

O HOMEM : Você não quer procurar outras falhas no seu processo?

K : Não.

2ª HOMEM : (EM BAIXO, AO PASSAR, SE DIRIGE AO QUE AJUDA K) Não fale com ele!

1ª MULHER : (DA DIREITA, ACIMA) Deixe que ele se dirija aos seus iguais!



- 2º HOMEM : (EMBAIXO) Esses devem se deixar condenar?
 (K PEGA PELO BRAÇO O HOMEM QUE O TINHA AJUDADO ANTERIORMENTE).
 K : Vocês são meus juizes?
 O HOMEM : Talvez. Escute: fique aqui conosco. Pronuncie a ver-
 cé mesmo outra sentença.
 K : É tarde demais. Não há novo começo para mim.
 (O HOMEM ESPERA ALGUNS MOMENTOS. DEPOIS SEGUE O GRUPO QUE SOBE PA-
 RA O PALCO DE CIMA).
 (O PALCO DE CIMA ESCURECE. K ESTÁ NO MEIO DO PALCO DA FRENTE).

CENA XV - Na Pensão

(K COMEÇA A VESTIR-SE LENTAMENTE. O CAPITÃO DOBRA O JORNAL E SE LEVANTA. A SRA. GRUBACH DEIXA O TRICÔ DE LADO E ~~XXXXXXXXXX~~ DESEN-
 ROLA UM NOVELO. O CAPITÃO VESTE O PALETÓ DO UNIFORME. A SRTA; BURS-
 TNER VEM PARA A FRENTE. A SRA. GRUBACH LEVANTA-SE DA MESA. ELA
 E O CAPITÃO TAMBÉM VEM DEVAGAR PARA A FRENTE. A LUZ SOBRE O PALCO
 DO MEIO É MUITO FRACA.

CENA XVI - O Fim

(NO PALCO DO MEIO: BEM À FRENTE, ESTÃO O CAPITÃO, A SRTA. BURS-
 TNER. A ILUMINAÇÃO É FRACA. ELES OBSERVAM O
 QUE ACONTECE NO PALCO DA FRENTE. K ARRUMA CUI-
 DADOSAMENTE O COLARINHO E A GRAVATA, VAI ATÉ O ARMÁRIO, PEGA UM
 PALETÓ PRETO, ELEGANTE, ACABA DE SE VESTIR. PÕE O CHAPEU, EMPUR-
 RA UMA CADEIRA À DIREITA, EM FRENTE À CAMA, SENTA-SE RÍGIDO. MÃOS
 NOS JOELHOS. OLHA FIXAMENTE PARA A ESCADA, À ESQUERDA.

DA PARTE DE TRÁS, EM CIMA, À ESQUERDA, QUE ES-
 TÁ NO ESCURO, APARECEM DOIS HOMENS, EM FRAQUES BEM JUSTOS, CARTO-
 LA NA CABEÇA. SÃO OS OFICIAIS FRANZ E WILLEM. ELES DESCEM VAGARO-
 SAMENTE A ESCADA À ESQUERDA, COM PASSOS RITIMADOS. NO PLANO DE CI-
 MA TODOS OS OUTROS PERSONAGENS OBSERVAM.

K SE LEVANTA. COLOCAM-SE UM À DIREITA E OUTRO
 À ESQUERDA DE K; PEGAM OS BRAÇOS DE K; COLAM OS OMBROS NOS OM-
 BROS DE K).

K : Vocês retomaram o seu lugar?



K : Vocês são pontuais. Amanhã é dia do meu aniversário.
 (AMBOS DÃO ALGUNS PASSOS COM K, PARA A FRENTE. ELES O CARREGAM,
 MAIS PROPRIAMENTE DO QUE O SEGUEM).

K : Processo Rápido. Um ano.
 (BAIXA A LUZ)

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(ACENDE-SE UM SPOT SOBRE O HOMEM QUE AJUDARA K DURANTE TODO O TEMPO).

HOMEM : Diante da lei há um guarda. Um homem apresenta-se
 diante deste guarda e lhe pede para entrar. O guarda
 lhe responde que não pode entrar por enquanto. Como
 o homem se mostra muito curioso acerca do que está
 do que está do outro lado da porta, o guarda lhe diz:
 "se é tão grande o teu desejo, experimenta entrar a-
 pesar da minha proibição. Mas lembra-te de que sou
 poderoso. E sou somente o último dos guardas. Entre
 um salão e outro, existem guardas, cada qual mais
 poderoso que o outro. Já o terceiro guarda, é tão
 terrível que não posso sequer olhá-lo". O homem, ao
 observar o guarda e sua aparente força física, re-
 solve sentar-se ao lado da porta. Ali espera dias,
 meses, anos. Tenta infinitas vezes entrar através
 de súplicas e oferecimentos. Sacrifica todos os per-
 tences que trouxe para a viagem, presenteando-os ao
 guarda. Este aceita tudo, mas lhe diz: "aceito-o pa-
 ra que não julgues que tenho omitido algum esforço".
 O tempo passa, o homem vai envelhecendo, definhando.
 Já tentou tudo, inclusive suplicando às pulgas do a-
 brigo de pele do guarda, para que o ajudassem. Já à
 beira da morte, chama o guarda: "que queres saber a-
 gora?", pergunta o guarda.
 - Todos se esforçam por chegar à Lei, diz o homem,
 Como é possível então que durante tantos anos nin-
 guém mais além de mim pretendesse entrar?
 O Guarda responde-lhe de forma definitiva: "Nin-
 guém podia pretender porque esta entrada era somen-
 te para ti. Agora vou fechá-la".

F I M

